



A Noiva de Caná de António Cabral, um caleidoscópio do Douro¹

M a r i a d a A s s u n ç ã o M o r a i s M o n t e i r o ²

1. O escritor e o espaço geográfico transmontano e duriense

António Cabral é um escritor de Trás-os-Montes e Alto Douro, que nasceu em Castedo do Douro, perto de Aljô, em 1931, e faleceu a 23 de Outubro de 2007, em Vila Real.

O seu interesse pelo que é genuinamente popular levou-o a estudar as manifestações lúdicas das gentes da sua região, sendo um investigador sobretudo na área da Ludoteoria e o principal responsável pela organização dos Jogos Populares Transmontanos. Uma das suas publicações recentes é precisamente nessa área, com a obra *O Mundo fascinante do Jogo*, com data de 2002.

Esta dedicação aos jogos populares levou a que fosse considerado *Expert* do Conselho da Europa no II Estágio Alternativo Europeu sobre Desportos Tradicionais e Jogos Populares, equiparado a bolseiro pelo Ministério da Educação para a Investigação de Jogos Populares e Teoria do Jogo (nos anos de 1988-1991). Mais recentemente António Cabral foi Presidente da Direcção da Associação Nacional de Animadores Socioculturais e Delegado do INATEL, em Vila Real.

¹ Este artigo foi publicado recentemente na revista *Itinerarios*, na Universidade de Varsóvia, Polónia (*Itinerários Revista de estudos linguísticos, literários históricos y antropológicos*, vol. 7, Varsovia, 2008, pp. 65-76). Pareceu-nos, contudo, importante divulgá-lo também em Portugal como forma de homenagear António Cabral (falecido em 23 de Outubro de 2007), um escritor que muito escreveu sobre a terra e o homem do Douro, e que participou no 2º Encontro Internacional História da Vinha e do Vinho no Vale do Douro, organizado pelo GEHVID em Outubro de 2004.

² Professora Catedrática do Departamento de Letras da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, PORTUGAL.

O seu interesse e empenhamento em prol da região não ficaram por aqui, tendo-o levado a fundar o Centro Cultural Regional de Vila Real em 1979, do qual foi Presidente da Direcção durante doze anos.

A sua actividade no âmbito da Literatura manifesta-se em duas vertentes: uma como autor, de que falaremos mais adiante, outra como interessado na divulgação de artigos de índole literária e cultural. Esta última levou-o a colaborar na fundação das revistas *Setentrião*, em 1962, e *Tellus*, da qual foi o 1º Director, em 1978. No âmbito do jornalismo, fundou em 1980 o mensário *Nordeste Cultural*.

Os títulos que temos vindo a referir permitem-nos ver que lhes está subjacente uma ideia de ligação à terra e de atenção ao espaço geográfico nortenho.

António Cabral é autor de uma produção muito diversificada, que vai desde a poesia, passando pelo teatro, pelo romance, pelo ensaio em várias vertentes (Literatura, Teoria literária, Etnografia e Folclore, Jogos populares, Antropologia Cultural e Ludoteoria).

Começando pela poesia, é pertinente salientar que há muitos anos que António Cabral publica obras neste domínio, tendo começado muito jovem a escrever e publicar poesia. O seu primeiro livro é *Sonhos do Meu Anjo*, com data de 1951, quando tinha apenas vinte anos.

Ainda na década de cinquenta, publicou em 1956 *O Mar e as Águias* e, em 1958, *Falo-vos da Montanha*, um título sugestivo da sua ligação ao espaço geográfico em que se insere. Desta obra salientamos o poema "Aqui Douro", que, como já escrevemos noutra local (Monteiro2002: 20), consideramos um dos mais belos de todos os que foram escritos sobre este rio e a região que o circunda, agora património da Humanidade. Vejamos um extracto do referido poema:

"Aqui, Douro. O Paraíso
do vinho e do suor.
Dum rio, no Verão, ossudo e magro
como as pessoas,
quando a alma se escoia pelos poros;
rio também barrento, a cor da terra,
para que a alma seja inteira;
rio das grandes cheias,
do abraço final
de troncos de homens, de árvores e sonhos." (Cabral 1999: 12)

É neste longo poema, aparecido inicialmente na obra *Falo-vos da Montanha*, publicada em 1958 em Edição do Autor, que surgem expressões como "Paraíso da aguarela forte das vinhas/que entram em ondas verdes pelos olhos".



Figura 1 | Nuno Castelo³, “Paisagem duriense” (1996), Óleo sobre tela 73x54 cm.

Fala-se depois do tempo das vindimas, em que os tons são dourados, (figura 1) e do ambiente que se vive nessa altura:

“Paraíso dourado das vindimas!
Então o Douro é d’ouro.
Ouro no sol que põe tudo em labaredas;
os cachos e as nuvens de poeira
espantadas pelas patas dos cavalos
e dos camiões, ron-ron, ladeira acima.
(...)
um certo ouro no silêncio dos homens
que em fila e ferro transportam os cestos.
Ouro ainda no regresso do trabalho,
ao som dum bombo, duma concertina.
Ouro talvez nos cálices de quem
veio de longe assistir da janela.” (Cabral 1999: 14)

³ Nuno Castelo (1971-....), “pseudónimo de Nuno Filipe da Silva Costa, é conhecido como “O Pintor dos Pés” e referenciado como um verdadeiro marco histórico das artes plásticas nacionais e internacionais, criador de uma autêntica Revolução Pictórico-plástica e de uma Nova Estética de representação do Alto Douro Vinhateiro, e, em especial, do Homem Duriense. É apontado como “O Miguel Torga da Pintura” e considerado “O Pai do Expressionismo Dramático-Trágico Duriense. (...) <http://www.nunocastelo.com>” (extraído do texto utilizado em Catálogos, cedido pelo Pintor).

No ano de 1960 António Cabral deu a lume a obra *A Flor e as Palavras* e, em 1963, *Poemas Durienses*. Este último título, *Poemas Durienses*, como outros do mesmo autor, evidencia claramente a relação da sua criação literária com o espaço geográfico de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Alguns anos mais tarde, em 1967, foi publicada a obra *Os Homens cantam a Nordeste*, título que situa de imediato o leitor num ambiente de Trás-os-Montes. Nela encontramos textos de rara beleza sobre a paisagem e o homem transmontano-duriense. Destacamos o poema “Carta ao George”, que inicialmente foi publicado na referida obra *Os Homens Cantam a Nordeste*, em 1967, e mais tarde, em 1999, incluído na *Antologia dos Poemas Durienses*. Nesse poema, António Cabral retoma os versos de António Nobre no Só: “Georges! Anda ver o meu paiz de Marinheiros” e “Georges! Anda ver o meu paiz de romarias” (Nobre 2000: 30 e 32), adaptando-os a uma região que conhece tão bem e que divulga na sua obra, mostrando a dureza e os contrastes nela existentes. Eis um extracto desse poema:

CARTA AO GEORGE

George, anda ver meu país do vinho e do suor,
onde o suor começa nas ideias,
onde as ideias mudam de cor, a cada hora,
cintilantes como os vitrais da Sainte-Chapelle.

Tu és poeta, George, e vês pelas coisas
até ao que inunda os olhos por dentro.
No alto da serra oferecer-te-ei
um vale humano para contemplanças.

Desceremos, depois, até ao rio
e voltaremos a subir: geios de vinha,
escadas, uma raiva de escadas, mais
escadas que as da Tour Eiffel ou de Babel.

Suando, compreenderás o suor
e as ideias, ora cravos, ora cardos.
Ouvirás as grandes palavras que reclamam
um poeta, desde a podoa ao tractor. (...)

George, anda ver o meu país do sol em chamas,
um rio, ferro em brasa, a estalar,
e os homens a cantar, novos Sísifos,
com negras ideias cor-de-rosa.” (Cabral 1999: 45-46)



Já na década de setenta, em 1971, saiu um outro livro de poemas, *Quando o Silêncio Reverdece*, seguido de *Emigração Clandestina*, em 1977, e *Aqui, Douro*, em 1979.

Nos anos 80, mais precisamente em 1983, António Cabral publicou a obra *Entre o Azul e a Circunstância*, em 1993 os *Novos Poemas Durienses* e em 1997 saiu uma outra obra – *Bodas Selvagens*. Finalmente, em 1999, foi dada a público a *Antologia dos Poemas Durienses*.

Na *Antologia dos Poemas Durienses* encontramos uma dedicatória muito sugestiva, que é reveladora da importância atribuída à terra e, logicamente, à sua região: “À memória dos meus Pais que me ensinaram a terra”.

Esta dedicatória mostra bem a importância da terra para o Escritor, facto que o levou a transportá-la para a sua obra. Ao mesmo tempo, revela ainda o carinho pelos Pais e o reconhecimento não só das suas raízes mas também da influência exercida por elas.

A vasta produção literária de António Cabral passa também pelo teatro, com a peça *O Herói*, apresentada em 1964 no II Festival Brasileiro de Literatura, onde obteve o 2º prémio e que só foi publicada em Portugal em 1975. Ainda no âmbito do teatro, publicou *Temos Tempo, Matilde*, em 1976, *A Linha e o Nó*, em 1977, *Semires*, em 1994 e, finalmente, *A Moura Encantada*, em 2005. Em volumes conjuntos, publicou ainda “Chega de Bois em Barroso”, na antologia *As Chegas de Bois*, publicada em Lisboa pela Âncora Editora em 2005 e “A Fraga das Dunas”, na revista *Douro – Estudos e Documentos*, GEHVID, Porto, 2007.

No género conto, escreveu uma obra à qual deu o título de *Festa em Setembro*, aparecida em 1983 e *O Prometeu agrilhado hoje*, publicada em 2005. Esta última, ainda que a seguir ao título apresente a indicação genológica “Contos”, a nosso ver não se enquadra totalmente nesta modalidade de ficção narrativa pelo teor dos textos que nela estão incluídos, havendo momentos de escrita fragmentária, constituídos por apontamentos soltos de poucas linhas. Escreveu ainda um livro intitulado *Contos de Natal para crianças*, publicado em 2003.

No âmbito do romance, podemos referir *Memória Delta*, de 1990, e *A Noiva de Caná*, romance publicado em 1995.

A sua mais recente obra é *O rio que perdeu as margens*⁴, Ficção/ Crónica/Poesia, e foi publicada pelas Edições Tartaruga, em Chaves, no ano de 2007. O título é

⁴ Posteriormente a esta informação já foi publicada *A Tentação de Santo Antão*. A esta obra, da qual fizemos a apresentação no Castedo, em 25 de Julho de 2008, foi atribuído o Prémio Nacional de Poesia Fernão de Magalhães Gonçalves, em homenagem a outro poeta, também trasmontano, natural de Jou, Murça.

elucidativo da região para a qual remete o leitor – o Douro e a região duriense. Nela encontramos uma miscigenação genológica, deparando-se o leitor com pequenas histórias e outros textos que são apontamentos fragmentários em prosa e verso, a lembrar desabafo e reflexões ao correr do pensamento, e ainda relatos de viagens. Algumas dessas histórias deixam transparecer costumes populares como a serração da velha (Cabral 2007: 73-76), que é feita na “quarta-feira da terceira semana da Quaresma”, as cascatas de S. João e os versos típicos (Cabral 2007: 80-83), as feiras, como a de S. Martinho em Alijó, que encontramos no conto “O rio que perdeu as margens” (Cabral 2007: 41-42), que deu título à obra e no qual são transcritas também quadras alusivas ao Douro e histórias fantásticas com ele relacionadas.

A ligação de António Cabral ao espaço geográfico transmontano e duriense está patente também em outros títulos que pertencem à área do ensaio, dos quais podemos referir *Jogos Populares e Provérbios da Vinha e do Vinho*, entre outros mais abrangentes como *Tradições Populares, Jogos Populares Portugueses*. Saliente-se também que em outras obras, ainda que a ligação ao espaço geográfico envolvente não apareça no título, ela acaba por estar presente no corpo do texto ficcional, como sucede, por exemplo, em *A Noiva de Caná* e em alguns textos de *O Prometeu agrilhado hoje*.

António Cabral é, como temos vindo a constatar, um autor cuja criação literária apresenta uma relação profunda com o espaço geográfico da região de Trás-os-Montes e Alto Douro; é um escritor preso às suas vivências passadas ou presentes nesta região. Todavia a sua obra, ainda que marcada por fortes ligações à terra, não se restringe a questões que possam interessar apenas aos seus naturais, já que os problemas nela abordados transcendem a região e interessam a todos.

Assim, na sua obra encontramos referências a paisagens deslumbrantes, a locais e características que lhe são inerentes, a trabalhos e trabalhadores da região, mas também a desigualdades sociais, conflitos, problemas de emigração, de fome, de trabalho árduo, enfim, todo um leque de assuntos que dizem respeito ao homem cidadão do interior de Portugal, mas também ao homem cidadão do mundo.

2. *A Noiva de Caná*: Intertextualidade com o texto bíblico

O título do romance permite uma relação de intertextualidade com um texto bíblico do Novo Testamento, pertencente ao Evangelho segundo São João, em que se fala das “Bodas de Caná”.

Segundo o texto bíblico (*Bíblia Sagrada* 1973: 1376-1377), havia um casamento em Caná da Galileia, onde Jesus e Maria, Sua mãe, estavam presentes. Como tivesse

acabado o vinho, a mãe de Jesus comunicou-lhe o facto e pediu aos servidores que fizessem tudo o que Jesus lhes dissesse. Como havia seis talhas de pedra para a purificação dos judeus, Jesus mandou enchê-las de água e, em seguida, disse para levarem a água ao chefe da mesa. Quando este a provou, já transformada em vinho, disse ao noivo: “Toda a gente serve primeiro o vinho bom, e, quando os convidados tiverem bebido bem, serve então o pior. Tu, porém, guardaste o vinho bom até agora!”, tendo sido este o primeiro milagre de Jesus.

Em Caná operou-se o milagre da transformação da água em vinho e no Douro opera-se metaforicamente um outro milagre, o de extrair vinho de uma região íngreme, xistosa, quente, quase impossível de cultivar, através do suor de quem nela trabalha (figura 2).



Figura 2 | Nuno Castelo, “Carregadores sem nome” (1997), óleo sobre Tela 81x60 cm.

No romance de António Cabral, a noiva de Caná é Cristina, casada com Francisco. É em torno desta personagem que tem lugar todo o enredo.

Cristina, uma rapariga de Cidadelhe, com dezoito anos, andava a estudar em Murça. Na altura das vindimas, para ajudar os pais que viviam em condições económicas muito precárias, foi trabalhar para a quinta das Combareiras integrada na mesma roga em que ia Francisco, de vinte e seis anos, natural de Cerdeira de Jales. Logo aqui nós encontramos um aspecto importante ligado ao Douro e que a obra perpetua como memória cultural do tempo: a existência das rogas, grupos de homens e mulheres que se deslocavam do interior, da “montanha”, para o Douro, para as vindimas e a faina do vinho.

Ricardo, o patrão, tendo despedido o caseiro, convida Francisco para o substituir e Cristina para secretária. Esta é vista “como uma flor que fazia florir

toda a quinta” (Cabral 1995: 40), ainda que ao fim de oito dias de permanência nela se sentisse “como certas plantas sensíveis mudada da terra livre, arejada e ampla, para um vaso, raquítico, por mais rendilhados e cor que tivesse à volta” (Cabral 1995: 39). Os dois acabaram por casar antes do Natal, ainda que sem amor.

O vinho fino acompanha as ocasiões importantes, as festas e cerimónias realizadas na quinta (e habitualmente na região duriense). Por isso, na altura do casamento de ambos, a noiva “serviu a toda a gente um vinho delicioso” (Cabral 1995: 57). O mesmo sucedeu no momento em que foi feito o convite para administrarem a quinta, em que também beberam vinho fino, como na região é tradicionalmente designado o vinho que hoje muitos chamam vinho do Porto.

Cristina procura obter o maior rendimento na produção de vinho, empenhando-se ao máximo para defender a quinta como se fosse sua, até porque entretanto tem uma relação adúltera com o patrão Ricardo da qual acabam por nascer dois filhos gémeos: Rosa e Miguel.

Cristina é descrita pelo narrador como “uma Vénus santificada pelo holocausto da sua beleza” (Cabral 1995: 113). É ela que dá o título ao livro e é em torno dela que se desenrola toda a acção do romance.

3. A Noiva de Caná e o Douro: euforia e disforia

A acção deste romance decorre no espaço físico de uma quinta no Alto Douro, aparecendo, entre outros aspectos importantes da região, o cenário e as actividades ligadas à vinha e à produção do vinho (figura 3).



Figura 3 | Nuno Castelo, “Socalcos do Douro” (1998), Óleo sobre Tela 92x65 cm.



Encontramos também referências a muitos lugares da região, romarias, a caça ao javali, usos e costumes, provérbios e expressões populares.

Se, por um lado, temos uma visão eufórica da região duriense, com as suas belas paisagens, as rusgas, festas, romarias, cantigas, por outro lado são focados muitos aspectos negativos da realidade do Douro.

Começando pela visão eufórica, temos como exemplo uma manifestação de alegria do trabalhador duriense, a rusga, em que o homem canta acompanhado pelos instrumentos musicais que fazem parte da tradição: o bombo, os ferrinhos e a concertina:

“Entrou entretanto uma rusga no salão: bombo, concertina e ferrinhos, como na vindima. O Tino Raboto, à frente, cantarolava:

Quatro rapazes da aldeia
Foram, à noite, ao café.
Por causa das raparigas,
Armaram grande banzé.” (Cabral 1995: 60)

O mesmo Tino Raboto, mais adiante, é novamente referido pelo narrador, a propósito do seu espírito folgazão, e nessa passagem aparece-nos a alegria das vindimas no Douro através do som da concertina que o narrador ouve e vai à janela ver o que se passa:

“O Tino Raboto, o incorrigível Tino, ele, o feitor da quinta, ou antes, o administrador: enquanto alguns homens descarregavam de um camião as dornas cheias de uvas, ele, sempre ele, torrencial, folgazão, tocava e trauteava a música tocada, ao mesmo tempo.” (Cabral 1995: 178).

Mas em *A Noiva de Caná* não encontramos só aspectos agradáveis, alegres, de lazer e prazer. São também focados diversos assuntos, nomeadamente reveladores das mudanças no Douro, fruto da construção das barragens, do recurso a máquinas para fazer certos trabalhos anteriormente realizados por homens, e há sobretudo questões que preocupam o homem duriense e revelam até que ponto existem problemas que o afectam.

Um desses problemas prende-se com as epidemias (de oídio e de mildio, por exemplo) que reduzem em muito a produção e aumentam os gastos do agricultor.

No romance encontramos uma referência a uma reunião de “muitos enólogos, gente de Gaia e da Régua” (Cabral 1995: 53) nas Combareiras, acabando por, também eles, assistirem a um acto religioso de agradecimento pela protecção dada às vinhas da Quinta, que acabaram por escapar de uma epidemia destruidora:

“E os especialistas da vinha e do vinho deram consigo a assistir a uma eucaristia de acção de graças ao Altíssimo, por Ele, na sua divina misericórdia ter salvo as Combareiras da terrível epidemia da *uncinula necator*, *ulgo dicto*, caríssimos irmãos, ódio da videira, ou mais *ulgo dicto* ainda, farinha, que é a designação popular por estas bandas.” (Cabral 1995: 53)

E, mais adiante, voltamos a encontrar referências a uma epidemia de míldio:

“Nesse ano grassou na região uma epidemia de míldio que nem os sulfatos sistémicos debelavam. Um Junho chuvoso e pardacento pôs malignidades no vinhedo com os cachos ainda tenros. E eram cachos e folhas, tudo a ficar encorilhado e a secar à menor ponta de sol.” (Cabral 1995: 271)

Outro problema do Douro é motivado pela ambição desmedida de algumas pessoas sem escrúpulos que põem em risco um produto do qual vive grande parte da região: o vinho.

Já nos longínquos anos 60 (em 21 de Novembro de 1964), João Araújo Correia chamava a atenção para o perigo de se perder “a galinha que põe ovos de ouro”, ao fazer vinho generoso com uvas de menor qualidade:

“Trair o Douro dentro do próprio Douro, fabricando vinho generoso com uvas de má casta e pior sítio – é comer hoje e deixar de comer amanhã. É matar a galinha que põe ovos de ouro. O Vinho do Porto, famoso em todo o mundo, só manterá a fama se for inimitável.” (Correia 1967: 243-247)

No romance de António Cabral este problema também é focado. Perante um cenário em que a produção era reduzida a um quarto, Silvano “informou que para manter o mercado era necessário comprar uvas suficientes, a fim de preencher a litragem concedida pela casa do Douro” (Cabral 1995: 272). Após o levantamento de uma série de questões em torno da proibição de trazer uvas de fora da região demarcada e de a fiscalização da casa do Douro andar pelas estradas, de dia e de noite, Rosa acaba por sugerir: “Se não se conseguirem uvas de qualidade, o melhor é ficar apenas com o vinho das Combareiras” (Cabral 1995: 275), acrescentando Silvano: “E o mosto já feito dos oito mil quilos que o leve o tal mixordeiro” (Cabral 1995: 275).

No romance é igualmente referido um conjunto de características que fazem com que o vinho tenha uma qualidade única, fruto das castas, da terra, do xisto e de questões climáticas relacionadas com a morfologia dos terrenos. É estabelecido um contraste com a região do Reno, na Alemanha, onde, com “semente das melhores



videiras” do Douro apenas se conseguiu fazer “uma coisa parecida com a jeropiga” (Cabral 1995: 273). É, assim, referida toda uma conjugação de factores que estão relacionados com o tipo de vinho produzido no Douro, visto que “mesmo no Douro, as malhas de terra granítica não produzem vinho de qualidade” (Cabral 1995: 273).

O rio é também muito importante, já que há um ditado popular que diz: “vinho de vinha que não vir o rio, esse, vale pouco”, porque “o mais importante é a pedra de xisto e os nevoeiros do rio” (Cabral 1995: 273).

A propósito do nevoeiro, saliente-se que este aspecto climático é tão importante que deu origem a uma frase que quase se tornou um aforismo para as gentes do Douro: “o nevoeiro para as vinhas é estrume.” (Cabral 1995: 55).

Note-se que, se Silvano, na parte final da obra, concorda com Rosa em ficar apenas com a produção da quinta, ao longo do romance o leitor fica a saber que “o patrão se envolvia em negócios escuros com Osvaldo. O safardana. E que negócios.” (Cabral 1995: 110). A falsificação do vinho é outro dos temas que surge na obra, tal como o do tráfico do vinho:

“Desta aldrabice tinham Cristina e Francisco notícia; o que não sabiam era que o tráfico do vinho tinha sido retomado, após a morte de Ricardo, com a colaboração, lucrativa, está visto, do próprio Silvano que num *night club* tripeiro, em bate-papo de cerca de uma hora, Osvaldo abordara e convencera, oh céus!” (Cabral 1995: 110)

E mais adiante, o narrador, numa atitude crítica, acrescenta numa linguagem disfórica e contundente: “O mundo está podre. A podridão é contagiosa” (...) Digam-me se não vêem mais Silvanos e Osvaldos que moscas esfomeadas num poio de elefante.” (Cabral 1995: 111).

Esta constatação do elevado número de “Silvanos” e “Osvaldos” é sugestiva da corrupção e oportunismo de pessoas que procuram tirar partido de um produto que, sendo cultivado com tantas dificuldades, pouco rende àqueles que com ele estão directamente em contacto, servindo a outros para negócios altamente lucrativos. António Cabral, como homem do Douro, conhece bem essa realidade, daí que a tenha trazido para a sua obra, utilizando a sua pena como forma de combate dessa realidade com a qual não está de acordo.

No romance surge ainda a questão das letras das vinhas beneficiadas, sendo as de melhor qualidade as da letra A, seguindo uma escala que vai até à letra F (Cabral 1995: 274).

A obra aflora ainda o problema da adição de açúcar e sal nas dornas, que é proibida e dá cadeia (Cabral 1995: 273-274).

Em suma, ao longo do romance o leitor atento é alertado para todo um conjunto de aspectos relacionados com a vida numa quinta do Douro onde, como em tantas outras, é cultivado o vinho fino.

O romance documenta também os vários trabalhos que havia necessidade de fazer. Quando Ricardo Magalhães, o patrão velho, propõe a Cristina emprego na quinta, o narrador, em discurso indirecto livre, conta:

“Se a menina ainda não tinha emprego certo e, como dizia, não estava mesmo disposta a prosseguir os estudos, propunha Ricardo, então considerasse a oferta. Trabalhar, ah, lá isso tinha de ser: a quinta era grande e não era só na vindima que o serviço apertava. Era a poda, era a escava, era a adubação e a desinfecção das videiras, as videiras queriam sempre trabalhadores ao pé, e era ainda o serviço de armazém, trasfegas, carregamento do vinho para Gaia, e era a azeitona e as laranjas, e a fruta que mais havia.” (Cabral 1995: 37)

E logo a seguir, acrescenta o narrador:

“Enquanto falava com Cristina, Ricardo olhava de quando em vez para Francisco, pois o recado era-lhe também dirigido. A menina pensasse bem, que para tudo eram precisos mapas de pessoal e livros de deve e haver, tudo coisas para seguirem para o contabilista do Porto.” (Cabral 1995: 37)

António Cabral apresenta em *A Noiva de Caná* a vida quotidiana numa quinta do Douro, com todos os aspectos positivos e negativos, dando-nos uma imagem que vai muito além da visão eufórica e idealizada, o *locus amoenus* dos Clássicos, que outros autores nos deixaram da vida do campo, nomeadamente Júlio Dinis em *A Morgadinha dos Canaviais*, Eça de Queirós em *A Cidade e as Serras*, Trindade Coelho em *Os Meus Amores* ou António Nobre no poema em que retoma o título da obra de Almeida Garrett *Viagens na minha terra*. Para estes autores, o campo é visto com simplicidade e qualidade de vida, é encarado de forma idealizada, como se não houvesse sacrifícios e dissabores.

Em *A Noiva de Caná*, o Autor, ao mesmo tempo que nos dá uma visão poética e agradável da vida numa quinta do Douro, não deixa de, como vimos, nos dar uma visão disfórica de uma região onde a realidade é muito diferente da fantasia e onde encontramos problemas pelos quais nem sempre são responsáveis os que trabalham com afinco e empenho, levando uma vida dura para conseguirem fazer vinho de boa qualidade (figura 4). A dureza e o sacrifício para conseguir tal feito são bem sugeridos nos quadros de Nuno Castelo reproduzidos, com a devida autorização, neste trabalho.

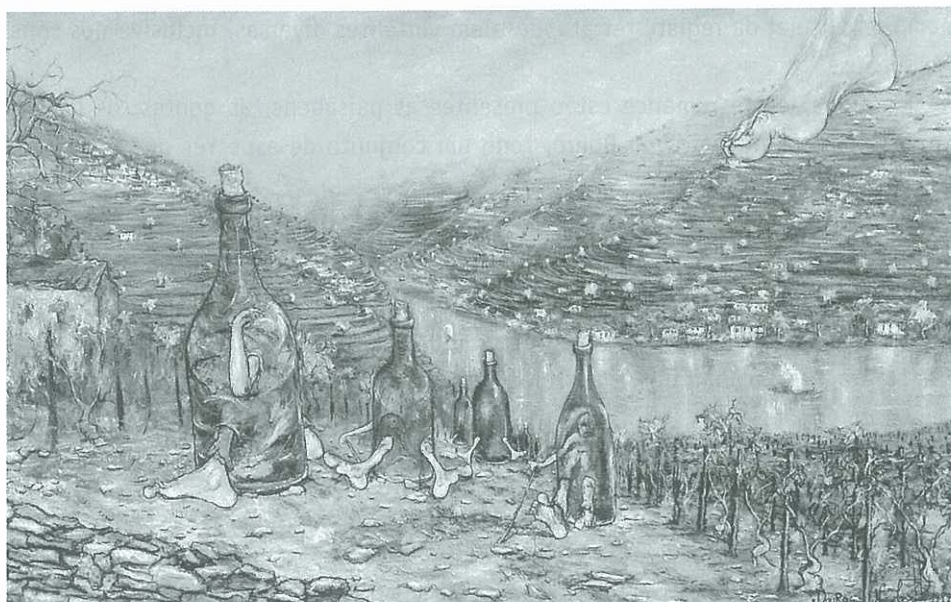


Figura 4 | Nuno Castelo, “Sol engarrafado” (1997), Óleo sobre Tela 116x73 cm.

A partir de terrenos que exigem muito esforço, tenacidade e pertinácia, os homens e mulheres do Douro, com o seu trabalho e suor conseguem produzir o tão desejado néctar, como se fosse obtido através de um milagre semelhante ao das Bodas de Caná.

Conclusão

António Cabral, nascido na região duriense, transpõe para a obra a sua paixão pela terra e a sua admiração por aqueles que dela vivem. A sua obra ficcional reflecte uma realidade que conhece bem, a do trabalho e entrega das gentes do Douro à terra, da qual conseguem extrair o vinho que lhes permite sobreviver.

Por um lado, há entusiasmo pela região, que é vista de forma eufórica com os seus momentos de alegria, convívio, trabalho e lazer. Por outro lado, António Cabral, conhecedor da realidade duriense no que diz respeito à produção e comercialização do vinho do Porto, dá-nos em *A Noiva de Caná* imagens de um Douro de contrastes, tanto a nível de condições de vida como de mentalidades e formas de agir.

Na sua obra encontramos a região duriense não só com as suas cantigas, provérbios, os seus hábitos, usos, costumes, linguagem, etc., mas também o trabalho duro, as dificuldades de escoamento do produto, o oportunismo, a exploração do homem duriense, sendo *A Noiva de Caná* uma obra importante por perpetuar a

memória cultural da região, retratando-a em vertentes diversas, inclusive dos sons e silêncios.

Em suma, neste romance estão presentes as paisagens, as gentes, os usos e os costumes, os negócios do Douro, todo um conjunto de aspectos que encantam e desencantam.

As encostas acentuadas, os geios, as actividades agrícolas, os passatempos, a caça, a pesca, as festas, os versos, as cantigas, os rituais vinhateiros, a vida social, a religiosidade, as folias, os amores, tudo se encontra em *A Noiva de Caná*, um romance que acaba por ser um caleidoscópio do Douro cujo centro de convergência é a quinta das Combareiras e a protagonista que nela se movimenta, Cristina, a “Noiva de Caná”.

Referências bibliográficas

Bíblia Sagrada (1973), 6ª edição. Lisboa. Difusora Bíblica (Missionários Capuchinhos).

CABRAL, António (1995), *A Noiva de Caná*. Lisboa. Editorial Notícias.

_____ (1999), *Antologia dos Poemas Durienses*. Chaves. Edições Tartaruga.

_____ (2007), *O rio que perdeu as margens*. Chaves. Edições Tartaruga.

CORREIA, João de Araújo [1967], “Terras Malditas”. Em *Passos Perdidos*. Lisboa. Portugália Editora.

MONTEIRO, Maria da Assunção Morais (2002), “O Douro imortalizado pelos escritores”. *ALTO DOURO VINHATEIRO PATRIMÓNIO MUNDIAL*. nº 1: 9-21.

NOBRE, António (2000), *Só*, Colecção «Caixotim Áureo». Porto. Edições Caixotim.